



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

### **A MUNDANIDADE DO MUNDO COMO BASE ONTOLÓGICO- EXISTENCIAL DA LINGUAGEM**

**Natan Luiz Neri de Sousa<sup>1</sup>; Tatiane Pereira Boechat<sup>2</sup>**

1. Bolsista – Iniciação científica/PROBIC, Graduando em Bacharelado em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [natanluiznneri@gmail.com](mailto:natanluiznneri@gmail.com)
2. Orientador, DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [tatiboechat@uefs.br](mailto:tatiboechat@uefs.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Mundo; Linguagem; Dasein.

### **INTRODUÇÃO**

O conceito heideggeriano de mundo nos apresenta um rompimento com o paradigma da postura teórica em que a metafísica moderna se fundamentava, consequentemente rompe-se com a dualidade sujeito – mundo. Tal dualidade legitima a noção enraizada no pensamento ocidental de que a linguagem coincide com a estrutura do enunciado, no qual compartilhamos nossa linguagem porque somos seres dotados de um intelecto capaz de articular as palavras e conectá-las as coisas que se apresentam no mundo, sejam elas imagens, coisas materiais, sentimentos, etc. Essa concepção do modo de funcionamento da linguagem leva em consideração apenas uma atividade teórica do sujeito de forma que não alcança as bases ontológico-existenciais da linguagem. Contudo, na analítica existencial a concepção ontológica-existencial de mundo proporciona um aprofundamento nas condições de possibilidade da linguagem. Desse modo, podemos partir da hipótese que a mundanidade pode ser considerada a base ontológico-existencial da linguagem. Assim justifica-se, que nesse primeiro momento a seguinte questão: como se constitui a mundanidade do mundo? Para que assim possamos alcançar respostas contundentes que nos direcione para uma discussão que leva em consideração nossa questão central: em *Ser e tempo*, podemos considerar a mundanidade do mundo como base ontológico-existencial da linguagem?

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica, cujo objetivo central se constitui numa consulta sistemática e cuidadosa às fontes escritas de filósofos e comentadores relacionados ao tema e ao objetivo do projeto. O desenvolvimento da

pesquisa tem como passo investigativo fundamental a leitura e análise de textos e conferências publicadas de Heidegger que estão relacionadas à questão proposta, bem como, outros meios impressos e digitais da literatura comentada.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

Em um primeiro momento, procurando responder nossa primeira questão, constatamos que as propriedades ou categorias não podem nos direcionar ao que constitui a mundanidade do mundo. Pois, propriedade não é uma determinação ontológica de um manual. A nosso ver, a referencialidade, que constitui o manual, aponta para a mundanidade do mundo, pois, permite que o *Dasein* faça ou não apropriações. No entanto, entendemos que é preciso esclarecer de forma mais precisa como se dá essas apropriações do *Dasein*. Acreditamos que com esse esclarecimento podemos alcançar o cerne da questão proposta nessa investigação, pois, a mundanidade do mundo, como já abordamos, nada mais é do que uma determinação existencial do *Dasein*. Do nosso ponto de vista, o caráter antecipativo (a priori) do deixar e fazer em conjunto de uma conjuntura é possibilitada pela compreensão de ser constitutiva do *Dasein*. Heidegger (2015, p. 136, §18) afirma que “compreensão tem seu ser num compreender”. Bem como que “o deixar e fazer previamente junto...com... funda-se num compreender de algo como deixar e fazer em conjunto, numa compreensão de ser e estar junto e de estar com de uma conjuntura.” (HEIDEGGER 2015, p. 136, §18) É nesse sentido que a totalidade conjuntural remonta em última instância ao ser do *Dasein*, ou seja, é *em virtude de* uma possibilidade de ser do *Dasein*. Com isso, podemos afirmar que a conjuntura, apesar de ser a constituição ontológica do manual, não deixa de ser um modo ser do *Dasein* e, assim, pode se constituir como condição de possibilidade de apropriações, como, por exemplo, usar uma caneta como algo para escrever ou como um marcador de texto. Vale salientar que a compreensão ela é sempre referencial, de tal modo que “o próprio compreender se deixa referenciar nessas e para essas remissões” (HEIDEGGER 2015, p. 137, §18). Desse modo, o *Dasein* queda-se familiarizado com essas remissões, de forma que nessa compreensibilidade, que é guiada pela circunvisão (modo de compreender na ocupação), o mundo, formado por essa totalidade referencial, não exige uma transparência teórica[4]. É nessa familiaridade do compreender com a totalidade referencial que o *Dasein* pode abrir significados, ou seja, significar. Desta forma, afirma Heidegger (2015, p. 138, §18) chamamos de significância o todo dessa ação de significar. A significância é o que constitui e estrutura mundo em que a presença [*Dasein*] já é sempre como é.” Portanto,

mediante o caminho percorrido nessa investigação podemos afirmar que a mundanidade do mundo é constituída pelo compreender referencial do *Dasein*, que o lança em uma familiaridade com uma totalidade referencial e concede o caráter antecipativo (*a priori*) que permite as apropriações.

Para dar prosseguimento a nossa investigação, procuramos avançar no que diz respeito ao tema da linguagem em *Ser e tempo*. Para tanto, partimos para uma análise do enunciado e sua relação com o compreender. As investigações logradas na presente pesquisa nos levou a compreender que em *Ser e tempo* Heidegger não deixa de elaborar uma crítica a uma ideia corrente de proposição ou enunciado. Para tanto, foi através da análise do existencial do compreender que ficou claro o nexos ontológico entre a mundanidade e enunciado.

Em *Ser e tempo*, o filósofo nos apresenta o desdobramento do compreender” (*Verstehen*) como interpretação (*Auslegung*) no intuito de mostrar a estrutura básica do compreender. E por conseguinte, mostrar como a compreensão pode desdobra-se enquanto uma condição de possibilidade do enunciado. A interpretação, dentro da perspectiva proposta por Heidegger, é o que caracteriza o *Dasein* em seu “como hermenêutico”, esse *como* é o que lhe proporciona ser esse ente que interpreta e pergunta-se pelo “como”. A interpretação só é possível pela compreensão que abre a possibilidade que o *Dasein* interprete algo como algo. Desse modo, o filósofo nos mostra que a interpretação não é um ato de significação arbitrário, no qual, o “sujeito” cola um significado sobre a coisa que se encontra despida à espera de ser apreendida. O recorte feito pela interpretação (*Auslegung*) move-se, desde já, pelo compreender (*Verstehen*). Na interpretação mostra-se o caráter hermenêutico do *Dasein*, que interpreta algo contando com uma “pré-compreensão” daquilo que interpreta, dessa forma revela-se na estrutura do compreender [posição prévia, visão prévia ,concepção prévia] que o *Dasein* efetua uma interpretação ante-predicativa. “O que acontece é que no que vem ao encontro do mundo como tal, o compreender de mundo já abriu uma conjuntura que a interpretação expõe. (HEIDEGGER, 2015, p. 211) Com isso, podemos afirmar que o interpretar e por conseguinte o enunciado ocorrem mediante o nexos entre as remissões de ser-para do instrumento — enquanto totalidade instrumental — e para-que — enquanto possibilidades de emprego —, guiada por uma circunvisão, que como tais constituem a mundanidade do mundo. Nesse sentido, o enunciado é o fazer ver que determina e compartilha aquilo que já é compreendido e interpretado existencialmente. No entanto,

esse processo que se insere o próprio enunciado tem como consequência uma modificação da estrutura “como” a qual não trata-se mais de um como hermenêutico mas sim de um como apofântico, a partir do qual aquilo que é compreendido, ao tornar-se enunciado torna-se unilateral, aquilo que se fala na enunciação torna-se simplesmente dado e retrai toda sua proveniência ontológica. Todo este caráter pré-proposicional é ocultado no enunciado. Daí que a linguagem não pode ser alcançada ontologicamente a partir de uma análise da proposição. Desse modo, o presente estudo nos leva a concluir que a mundanidade do mundo pode se configurar como base ontológica-existencial da linguagem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

A presente pesquisa nos ofereceu os indícios para considerarmos a mundanidade como base ontológica-existencial da linguagem, no entanto, o caminho percorrido até o presente momento nos direciona a necessidade de uma continuidade nos estudos que concerne ao tema linguagem em *Ser e tempo* para que possamos investigar, a partir dos resultados e discussões presentes, como se constitui a linguagem, no âmbito de *Ser e tempo*, tendo a mundanidade do mundo como base ontológico-existencial. Ou seja, como se constitui a linguagem a partir do ser-no-mundo? ‘

### **REFERÊNCIAS**

- COLOMER, Eusebi, El pensamiento alemán de Kant a Heidegger. Barcelona: Editorial Herder, 1990.
- DREYFUS, H. Ser-en-el-mundo. Trad. John Macquarrie y Edward Robinson, 2 Ed. Santiago de Chile, Editorial Cuatro vientos, 2002.
- DUBOIS, Christian. Heidegger: introdução a uma leitura. Trad. Bernardo Barros, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.
- FERREIRA, A. Mundanidade e diferença ontológica. Síntese- Rev. de filosofia, v. 40 n. 126, 2013, p. 85-108.
- HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco 2015.
- BAY, T. A-A. El lenguaje en el primer Heidegger. México: FCE, 1998.
- BLANC, M. F. O fundamento em Heidegger. Lisboa: Piaget, 1984.
- \_\_\_\_\_. Introdução à Ontologia. Lisboa: Piaget, 2011.
- PASQUA, Hervé, Introdução à leitura de Ser e Tempo de Martin Heidegger. Lisboa, Instituto Piaget, 1993.
- PÖGGELER, O. A via do pensamento de Martin Heidegger. Lisboa: Piaget, 1963.